

O inconciliável: desligamento e destrutividade

André Beetschen¹

Resumo: O presente trabalho visa trazer uma reflexão sobre as ideias de Jean Laplanche acerca das teorias das pulsões: seus fundamentos e sua gênese. No texto, o autor aborda o posicionamento de Laplanche principalmente, no contexto da *pulsão sexual de morte*, que tem o sentido de uma força de desligamento, demoníaca, indomada e hostil ao ego.

Palavras-chave: Conflito psíquico. Desligamento. Pulsão.

Desde 1970, com *Vida e morte em psicanálise*², Jean Laplanche expõe o objeto de sua pesquisa e de seu método: “Tentativa de liberar, por meio de uma abordagem histórico-estrutural da obra de Freud, uma problemática do objeto da psicanálise”. Certamente, a dimensão **estrutural** vai perder depois sua importância primária, mas o método de interpretação e de leitura, ligado intimamente ao método analítico, se imporá até os últimos textos onde ele dirá que interpretar Freud e encontrar nele as linhas de forças inconscientes, é uma abordagem comandada por seu próprio objeto: o objeto inconsciente, a sexualidade pulsional, **as forças em jogo no conflito psíquico**³. Manter aberto o enigma do sexual – seu crescimento e sua gênese infantil – no humano, isso é o que nós devemos ao posicionamento resolutivo de Laplanche dentre todos os leitores e seguidores de Freud.

1 Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica da França.

2 LAPLANCHE, J. **Vie et mort en psychanalyse**. Paris: Quadrige/ PUF, 2008.

3 LAPLANCHE, J. **Les forces en jeu dans le conflit psychique**: entre séduction et inspiration, l'homme. Paris: Quadrige/PUF, 1999.

Assim, o retorno às **invariantes fundamentais** da descoberta freudiana anima seu percurso: fundamentos e teoria da pulsão, forças que atravessam a *psique* com a descoberta do inconsciente e da repressão, princípios que dirigem o aparelho psíquico. A questão colocada pela irrupção na teoria freudiana, em 1920, da **pulsão de morte**, com o que ela implica de modificação do dualismo pulsional anterior, será um objeto de pensamento constante para Laplanche: desde *Vida e morte em psicanálise* com seu último capítulo, **Por que a pulsão de morte?**, depois dos capítulos precedentes terem explorado os domínios do ego e do narcisismo e o do masoquismo, cruzamento essencial para a análise da pulsão de morte, que Laplanche reabordará em vários textos posteriores. Nesse primeiro momento de sua obra, Laplanche esclarece o **paradoxo econômico da pulsão de morte**: ele especifica o que, no princípio de prazer – cujo fracasso inaugura, lembremos, *Além do princípio de prazer* – diz respeito à constância e à inércia-descarga. No prolongamento do *Projeto para uma psicologia científica*, ele mostra que o que se afirma novamente com a pulsão de morte é, paralelamente, à prioridade conferida ao autotempo, **a prioridade do zero sobre a constância**. Dimensão essencial de uma sexualidade hostil à ligação, **princípio, escreveu ele, de ‘des-ligamento’ ou de desencadeamento (*Entbindung*), que só encontra ligação pela intervenção do ego**.

Este momento originário, que será sempre evocado nos textos posteriores, dará lugar a vários desenvolvimentos: assim, pode-se dizer que o pensamento de Laplanche sobre a pulsão de morte se inscreve verdadeiramente nessa espiral desenrolada da qual ele deu o modelo a propósito da transferência. Por um lado, com o retorno para os fundamentos metapsicológicos que sustentam a pulsionalidade infantil – um debate vivo será engajado com Freud e alguns psicanalistas que adotaram a **pulsão de morte**, Melanie Klein será aqui uma interlocutora privilegiada; por outro lado, com as orientações dadas pelas novas proposições teóricas feitas por Laplanche para a gênese inconsciente da pulsão sexual - aquelas sobre a sedução originária e a situação antropológica fundamental, aquelas sobre a teoria tradutora da repressão: hipóteses referidas à **primazia do outro**. Ao longo de sua obra teórica, percebemos que o tom e a crítica de Laplanche tornam-se mais vigorosos. Este vigor é perceptível nos próprios títulos dados aos seus textos: se *Além do princípio de prazer* é reconhecido, em *Vida e morte em psicanálise*, como “o texto mais fascinante e mais desconcertante de toda a obra freudiana”, é invocado em 1997, em *A suposta pulsão de morte: uma pulsão sexual*⁴ (e

4 LAPLANCHE, J. **La soi-disant pulsion de mort**: une pulsion sexuelle: entre séduction et inspiration: l’homme. Paris: Quadrige/ PUF, 1999.

após o artigo de 1984, *A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual*⁵), como um “texto altamente especulativo e em alguns aspectos um texto em ruínas” [...]. Mesma evolução com a leitura bastante crítica do *Problema econômico do masoquismo*, sem falar do levantamento dos **descaminhos** dos quais Freud, aos olhos de Laplanche, se tornou responsável, notadamente *seu descaminho biologisante da sexualidade*⁶. Descaminhos que deverão ser redirecionados.

Do que se tratará, na posição firmemente sustentada por Laplanche? Antes de tudo, situar corretamente na metapsicologia freudiana o surgimento da pulsão de morte, mantendo-a resolutamente no interior de uma pulsão sexual que é preciso de alguma forma salvar, reafirmando o inconciliável do sexual ao ego, tomando também distâncias de tudo o que é chamado **mercadorias de contrabando**, filosóficas, psicoterápicas ou românticas, onde a pulsão de morte perde o seu significado original, **auto**, de um ataque de morte dirigido inicialmente contra si. Será necessário assim passar pelo significado de *morte*, essencialmente para o ego, e na dimensão da economia psíquica. Mas a questão da destrutividade, ou da hostilidade profunda inscrita tragicamente no humano, será então resolvida? E a exploração de seu fundamento será evitada?

Pulsão sexual de morte, hostil ao ego, inconciliável com o ego: é, portanto, a forte proposição de Laplanche que instaura o dualismo no interior da pulsão sexual, mantendo a oposição pulsões sexuais/funções de autoconservação. Ele sempre viu o nascimento e as características essenciais desta pulsão sexual na sexualidade infantil, a origem na repressão, a força de crescimento como o que deve ser trabalhado pelo aparelho psíquico. É necessário, então, retornar rapidamente a algumas das definições que Laplanche deu da pulsão: “A pulsão não é, portanto, nem um ser mítico, nem uma força biológica, nem um conceito limite. Ela é o impacto sobre o indivíduo e sobre o ego da estimulação constante exercida, do interior, pelas representações-coisas reprimidas, que podemos designar como objetos-fontes da pulsão”⁷. E ainda: “Seu objeto-fonte (e poderíamos mesmo dizer: seu objeto-fonte-meta) é o que resta da mensagem enigmática do outro veiculada na autoconservação”. Pulsão –*Trieb*: pulsão sexual, e não instinto, o qual pertence às funções de autoconservação. A distinção será retomada e afirmada constantemente até as discussões sobre o apego e a ternura.

5 LAPLANCHE, J. **La pulsion de mort dans le théorie de la pulsion sexuelle**: la révolution copernicienne inachevée. Paris: Aubier, 1992.

6 LAPLANCHE, J. **Le fourvoiement biologisant de la sexualité chez Freud**. Problématiques VII. Paris: PUF, Quadrige, 2006.

7 LAPLANCHE, J. **La pulsion et son objet-source**: la révolution copernicienne inachevée. Paris: Aubier, 1992. p. 239.

Contestando o novo dualismo freudiano, Eros-pulsões de vida / pulsões de morte e de destruição, - dualismo ao qual Freud nunca pôde conferir o estatuto de *schibboleth* - Laplanche recusa a ideia de uma emergência da pulsão de morte como uma força animada pelo **retorno ao estado anterior**, e que encontraria um apoio no biológico. Ele critica as especulações **metabiológicas** de Freud, mas sem referir o que, nelas, pertence à fantasia da atividade especulativa e ao uso das metáforas. Crítica justa, entretanto, e não é o recurso atual à apoptose, qualificada de forma bastante estranha de **suicídio celular**, que permite salvar o jogo! *Além do princípio de prazer*, esse texto do cruzamento de fronteiras, não ajuda de fato em nada a pensar o que é a **vida psíquica**, nem as condições infantis que geram a pulsão de morte. Se não, talvez por metáfora, como por exemplo essa frase de Freud quando da elaboração da para - excitação: “o pequeno pedaço de substância viva suspenso no mundo exterior” que sofre então a ameaça de excitações muito fortes. Retomada em *Além do princípio de prazer* da questão traumática, que Laplanche ignorará. Mas Freud não confunde as pistas quando escreve que a hipótese das duas pulsões em luta nas origens permite “resolver o enigma da vida”? A posição defendida claramente por Laplanche oferece um ponto de referência que, se podemos certamente discutir, decodifica a leitura de um texto tão complexo quanto a *Nova Lição de introdução consagrada à Angústia e vida pulsional*⁸, onde Freud retorna ao seu último dualismo pulsional.

Porque na gênese metapsicológica da pulsão de morte, tal como aparece em Freud em 1920, Laplanche vê ao mesmo tempo uma **ocultação** e um **reequilíbrio**. Para ele uma **recuperação** ligada estreitamente à **grande descoberta** que, na economia pulsional, precede *Além do princípio de prazer*: a do investimento libidinal e narcísico do ego. Um investimento unificante e totalizante que coloca em perigo, ao risco do monismo – um risco tornado evidente pelas teorias de Jung – a própria natureza da pulsão sexual – desligada, perversa polimorfa desde sua pertença à sexualidade infantil – e, portanto, o dualismo pulsões do ego/pulsões sexuais que estrutura a vida psíquica. Observa-se que este tempo narcísico, determinante para pensar a ocorrência da pulsão de morte em Freud, é salientado, com diferentes inflexões, por Laplanche e por Green: cada um deles irá instaurar a oposição vida/morte em uma renovação teórica (pulsões sexuais de vida/pulsões sexuais de morte; narcisismo de vida/narcisismo de morte).

À força de ligação e totalizante de Eros, que pode absorver o indomado do sexual no amor pelo ego ou pelo objeto, é necessário, para Laplanche, continuar

8 FREUD, S. (1933). **Angoisse et vie pulsionnelle**. Nouvelle suite des leçons d'introduction à la psychanalyse, OCF XIX.

opondo uma força de desligamento demoníaca, indomada, fundamentalmente hostil ao ego: a parte *inconciliável* da pulsão sexual inconsciente, cuja fonte reside na sexualidade infantil. Uma força de desligamento conduzindo à **extinção** da excitação por uma descarga **econômica** que utiliza o caminho mais curto para sua realização, contrariamente às complicações e desvios que Eros organiza para manter a vida psíquica. A pulsão sexual de morte trai assim, para Laplanche, o impulso irreprimível e inconsciente do id: processo primário e energia não-ligada. E sua gênese só pode ser buscada na repressão: “Uma pulsão de morte sem repressão, sem que ela encontre sua origem no processo de repressão, carece do essencial do que nos parece ser a gênese do pulsional no homem, um pulsional **demoníaco** que ela pretendia, no entanto, reafirmar”⁹. Mas se a repressão é concebida na dimensão tradutora dada por Laplanche, como esta concepção da gênese do pulsional permitiria conservar um papel determinante na dinâmica do prazer/desprazer? *Além do princípio de prazer* começa e continua com o questionamento sobre o retorno inexorável das experiências de despreazer onde a compulsão da repetição está também associada ao pavor traumático face ao excesso incontrolável de uma excitação desqualificada. O incontrolável seria outra denominação para o inconciliável?

O que poderia, então, especificar a pulsão sexual de morte em uma concepção generalizada da pulsão sexual e de sua gênese? Laplanche especifica em sua entrevista com Patrick Froté: “Para mim, a pulsão sexual de morte é o próprio coração da pulsão. Nesse sentido, poderíamos mesmo dizer que a pulsão sexual é pulsão de morte em sua essência”¹⁰. Ou ainda, e mais radicalmente: “A pulsão sexual trabalha no fundo para a morte”¹¹. Aqui, não é tanto o **retorno ao estado anterior** que é solicitado, mas a manutenção do excesso, da satisfação obtida **até a morte**, da dimensão **perversa** de um alívio pulsional que, se ele afirma a absoluta contingência do objeto, assinala também a ameaça que ele representa e a necessidade de distanciar-lo ou de negar a sua existência. A neurose, **negativo da perversão**: mais que a **morte**, a perversão não seria para Laplanche, apoiando-se constantemente sobre o momento fundador que é a descoberta da sexualidade infantil perversa-polimorfa em *Três ensaios sobre a teoria sexual*, a própria figura do inconciliável? Ainda para Patrick Froté, que o questiona bastante justamente se o dualismo interno à pulsão sexual não corre o risco de se apresentar como o

9 LAPLANCHE, J. **Le fourvoiement biologisant de la sexualité chez Freud**. Problématiques VII, op.cit., p.119.

10 FROTÉ, P. **Cent après, Réponse de Jean Laplanche** :à: pulsion de mort encore - connaissance de l'inconscient, Paris: Gallimard, 1998. p. 195.

11 Ibid., p.198

retorno a um tipo de monismo, Laplanche responde com um **não**, pois, aos seus olhos, o que funda e especifica um dualismo mantido é a oposição, no que deve tratar o aparelho psíquico frente ao pulsional, dos processos de ligação e desligamento. O desligamento testemunha para ele, de fato, a atividade das camadas **mais profundas** do id, lá onde a repressão destruiu toda e qualquer ligação, substituindo as representações do objeto total pelo parcial, reduzindo o objeto-fonte a indício. A palavra mestra é *desligamento*, afirmada nos últimos textos, notadamente em **As forças em jogo no conflito psíquico**.

Aqui poderia iniciar uma discussão sobre as posições de Laplanche: a insistência colocada sobre os processos de desligamento, associados de início à repressão, esclareceria realmente o enigma e a ação da destrutividade na vida psíquica? Então, uma discussão sobre a lacuna entre *desligamento e destruição*, na qual seria necessário convocar, mais do que é possível aqui, André Green, Nathalie Zaltzman ou Michel de M'Uzan, entre outros. Discussão difícil na medida em que a construção metapsicológica de Laplanche é firmemente construída, e que o fundamento clínico sobre o qual ela poderia se estabelecer é difícil de perceber. De fato, existe aqui um tipo de paradoxo: se Laplanche não evoca, de fato, quase nunca **situações clínicas**, ele não cessa de fazer referência à **tarefa prática** como experiência e realização necessária do método analítico. Para ele, a experiência da coisa teórica assim como a da coisa inconsciente e do conflito psíquico apoiam-se constantemente sobre o método: assim, suas proposições sobre a transferência (transferência plena/transferência oca) têm por finalidade definir uma prática do tratamento onde o desligado do sexual infantil, o enigmático, devem ser acolhidos e liberados dos encobrimentos de uma atividade egoica provedora de significados e de **mitos**.

Não impede que a leitura que Laplanche faz de *Além do princípio de prazer* considere pouco as dificuldades clínicas com as quais a prática de Freud se deparou: a mudança da natureza de uma compulsão à repetição não mais submetida somente ao *agieren* transferencial mas ao retorno demoníaco do desprazer, o pavor do traumático e de seus efeitos (as neuroses de guerra), os impasses da perda melancólica, o sentimento de culpa inconsciente com o enfrentamento, no tratamento, das resistências da reação terapêutica negativa e das análises intermináveis [...]. Sem mencionar este outro campo que, com *Reflexões para os tempos de guerra e morte*¹², abre a possibilidade de pensar a destrutividade no âmago do humano cultural e de massa. Para nós hoje, *Além do princípio de prazer* não cessa de reconduzir a uma compulsão de repetição deletéria: às situações de impasse encontradas – no manejo da

12 FREUD, S. (1915). *Actuelles sur la guerre et la mort*, OCF XIII, p.127-158.

transferência, uma vez que a destruição visa a própria prática analítica - com os pacientes que colocam regularmente sua vida em perigo por tentativas de suicídio, condutas aditivas ou momentos de angústia extrema. Pacientes nos quais a infernal repetição da destrutividade se manifesta ora por uma excitação feroz, ora por estados de vazio e de desinvestimento nos quais, com uma espécie de rejeição e de ódio a qualquer excitação, o desespero revoga todo recurso a um ego que sustenta todo investimento de um objeto de socorro. Pacientes que nos obrigam à tentativa de reconstrução de experiências infantis precoces.

Certamente, privilegiar no trabalho analítico a referência à destrutividade arisca sempre reforçar a repressão do sexual pulsional que deveria então se render diante da gravidade do perigo vital [...]. Particularmente, tal é o risco ligado à insistência colocada sobre os sofrimentos narcísicos, um risco prevenido pelo pensamento de Laplanche! Mas a atividade de ligação, seja ela associada, como ele diz, à forma continente ou à simbolização, é sempre atividade totalizante a serviço do ego? E, sobretudo, como ela opera, quando Freud a apresenta como **tarefa preliminar** onde há falhas da representação pulsional ou da preparação do ego pela angústia? A complicação e o desvio, estes ganhos da vida psíquica quando o erótico encontra o suporte da plasticidade pulsional, os caminhos da sublimação também, ambos sustentam processos de ligação que se afastam de uma simples alienação narcísica.

Permanecendo entretanto na apreensão dos processos de desligamento e de autodestruição e de seus efeitos, é necessário se perguntar como podem ser mantidos juntos, de um lado a realização alucinatória da representação-coisa inconsciente em um conflito vivido pelo ego – nem que fosse pela produção da angústia –, e, por outro lado, um impulso à extinção pulsional – um retorno ao vazio, ao zero de excitação, a um estado anterior para o qual não é necessário solicitar o **inorgânico** – que visa dissipar na repetição do ato a inscrição psíquica de uma representação pulsional. Por essa destrutividade, a morte na ou pela sexualidade diria tudo sobre **a morte na vida psíquica** ou sobre **a morte contra a vida?** Dito de outra forma: a destrutividade humana seria, em sua essência, sádica? Tal é, me parece, a posição de Laplanche, o que explica sem dúvida a razão pela qual ele discute tão intensamente com Melanie Klein. Mas o apoio colocado sobre a sexualidade infantil perversa-polimorfa do *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, esclarece de forma definitiva a possível irrupção de uma destrutividade que se mantém fora do **crime sexual?** Ainda em sua entrevista com Patrick Froté, e criticando a pseudoliberalidade sexual afirmada por um sadomasoquismo militante e complacente, Laplanche evoca de forma surpreendente a **verdadeira** perversão como figura do inconciliável: “Estes famosos grupos

sadomasoquistas, eu gostaria de vê-los aplicar o que deveria ser seu breviário: *Os cento e vinte dias de Sodoma*. O que desfila na rua é um sadomasoquismo de pantomima. O verdadeiro sadomasoquismo é a exterminação à maneira de Pol Pot¹³. Encontramos o tema em “A dita pulsão de morte: uma pulsão sexual” quando, examinando a retomada por Freud do adágio *Homo homini lupus*, Laplanche retoma a questão da crueldade no homem submetendo-a ao sexual inconsciente e à oposição sexualidade não ligada (erótica) / sexualidade ligada (narcísica e/ou objetal): “Oposição puramente humana, escreve ele, ou seja, completamente informada e orientada pela vida fantasmática”; porque implica em “marcar de uma vez por todas a absoluta heterogeneidade da agressão sádica do homem em relação à toda animalidade”¹⁴.

Por tudo isso, Laplanche, que se ocupará sempre de precisar no final de seus textos críticos sobre a pulsão de morte freudiana o estatuto que ele concede às paixões de ódio e às formas humanas da agressividade, não considerará a reflexão que Freud segue em *Mal-estar na cultura*, notadamente quando ele evoca a **tendência ao mal** e que ele escreve: “Eu não compreendo que nós pudemos omitir de ver a ubiquidade da agressão e da destruição não eróticas e negligenciar de lhe dar o lugar que lhe cabe na interpretação da vida”¹⁵. Do ponto de vista do **humano, demasiado humano** do sadismo sexual, o cultural parece ser antes de mais nada, para Laplanche, o campo que oferece ao ego, através do mito-simbólico, os códigos de simbolização e de apropriação que se propõem como tentativas de ligação do sexual desligado.

Mas retornemos à tarefa prática, lendo particularmente *Análise terminável e interminável*, onde na experiência de enfrentamento às resistências, Freud vê uma pulsão de morte em toda parte presente no conflito psíquico. O que ele diz também de outra maneira: “Nosso esforço terapêutico, escreve Freud, oscila constantemente durante o tratamento entre um pequeno fragmento de análise do id e um pequeno fragmento da análise do ego”¹⁶. E o que Laplanche especifica: “Ligação e desligamento devem ser concebidos como dois princípios – tipos de processos, modos de funcionamento – em ação em todos os níveis tópicos”¹⁷.

13 FROTÉ, P. Cent ans après, op.cit., p.198-199.

14 LAPLANCHE, J. La soi-disant pulsion de mort : une pulsion sexuelle. Entre séduction et inspiration : l’homme, op.cit., p. 215.

15 FREUD, S. (1930). **Le malaise dans la culture**. OCF XVIII, p. 306.

16 FREUD, S. **L’analyse avec fin et l’analyse sans fin**. Résultats, idées, problèmes, II, PUF 1985, p. 254

17 LAPLANCHE, J. Les forces en jeu dans le conflit psychique. Entre séduction et inspiration : l’homme, op.cit., p. 140.

Essa dupla solicitação tópica – é necessário destacar o quanto para Laplanche a questão tópica é insistente: tópica do ego com a importância reconhecida dos trabalhos de Federn, esquemas do aparelho psíquico – convida a levar novamente a atenção para Eros e sua complicação. Para o ego-estrutura tanto quanto para o ego-instância. Para o que mistura as forças opostas e que Freud designou de **fusão-desfusão** das pulsões de vida e de morte – o que não abrange exatamente o que podemos denominar **ligação/desligamento**. A Eros, então, certamente, não pode ser atribuído somente a função de ligação, de tipo narcísico egoico. Eros impõe desvios, complica tanto quanto reúne. Eros impõe sobretudo um trabalho da perda dos objetos que a pulsão sexual investe, ele desliga por sua vez quando submete o prazer e a satisfação – certamente às custas da angústia – à plasticidade da libido e à contingência dos objetos. Ao contrário, Eros narcísico certamente pode capturar e imobilizar a vida psíquica a ponto de destruir toda vitalidade dela.

Em se tratando do ego, *Além do princípio de prazer* proporrá diversas representações das efrações que ele sofre: efeitos dos traumatismos até a aniquilação, defesa contra as excitações excessivas com a *para-excitação* e sua camada superficial tornada **inorgânica**. Se as pulsões de morte ou de destruição objetivam o ego, resta a explorar os modos de resistência, até nas enigmáticas **pulsões do ego**, que este opõe à irrupção pulsional: essa foi todo o sentido do diálogo ocorrido entre Jean Laplanche e Didier Anzieu, durante as Entrevistas da APF, consagradas à *A Pulsão para quê?* Como, de fato, um **fragmento da análise do ego** pode ter lugar na perspectiva de Laplanche sobre a pulsão sexual de morte e o desligamento que lhe é associado? Sua concepção de um Eros narcísico como instância totalizante e totalitária autorizaria um trabalho de **decomposição** da instância? Uma tal decomposição do ego é exatamente o que ocupa Freud no período de 1915-1920, entre *Para introduzir o narcisismo* e *Além do princípio de prazer*. O investimento libidinal do ego não permite explorar suas falhas, como os estados de dependência, descritos em *O ego e o id?* O ego, de fato, é uma instância *clivável* – o ideal do ego e o superego são originados dele – que comporta partes inconscientes: assim ele pode ser colapsado, com a melancolia, por uma perda cuja natureza ele desconhece. O próprio amor, quando é de transferência, o perde na reivindicação sexual. O ego se divide ainda nas neuroses de guerra, e vê seus limites se borrarem na angústia do “Estranho”¹⁸ onde se revela, talvez pela primeira vez no texto freudiano, a manifestação da pulsão de morte.

18 FREUD, S. (1919). *L'inquiétant*. OCF XV, p.151-188.

Os efeitos de desligamento da **pulsão sexual de morte** dizem respeito, portanto, tanto, ao inconciliável do id e aos processos primários quanto às capacidades ausentes ou falhas do ego. Como, então, pensar a partir daí esta dupla determinação psíquica do ponto de vista da **situação antropológica fundamental** que Laplanche propõe? Dito de outra forma, como aproximar de sua concepção do **primado do outro** e da origem inconsciente da pulsão sexual, a gênese infantil dessa **pulsão sexual de morte**? Como conceber, nas **mensagens comprometidas e por traduzir** que a criança recebe, passivamente excitada, a implantação de uma destrutividade conscientemente agida ou deformada pela repressão, uma implantação onde as mensagens comprometidas carregam também as falhas do ego do **outro**?

Que a pulsão sexual de morte irrompa mais em certas configurações clínicas que em outras, Laplanche não a invoca se não lembrando que o desligamento está sob a dependência de “uma repressão trabalhando sempre de forma altamente individual” onde a fixação de **significantes-designificados**, de objetos-fontes parciais, de objetos-fontes indicadores da pulsão sexual se produz “nas camadas mais profundas do Id”, no *núcleo do Id*. Existia aí uma obscuridade metapsicológica, que situava o **objeto-fonte** da **pulsão sexual de morte** na tópica inconsciente do mais profundamente reprimido, sem que pudéssemos compreender as razões desta solicitação do mais profundo do inconsciente. Um dos últimos textos de Laplanche aprofunda o questionamento, retomando a natureza da **mensagem comprometida** e a tópica de sua implantação. “Três significados da palavra “inconsciente”¹⁹ propõe de fato – no seguimento de um trabalho realizado em comum com Christophe Dejours – a complexificação da implantação-tradução das mensagens na tópica psíquica. O que tinha sido invocado antes como implantação **sob a pele**, ou *como o espinho na carne*, torna-se em outro lugar à **flor da consciência**: sem dúvida essas imagens, tanto tópicas quanto metafóricas e que interessam à estrutura de envelope do ego, não podem sozinhas assentar um fundamento metapsicológico. Em todo caso, é notável que a seu propósito Laplanche considerou uma diferença, até aqui não considerada por ele na tópica psíquica, entre clivagem e repressão. Pois se associam agora indicações clínicas que descrevem um **inconsciente encravado** que seria testemunho na psicose de um **fracasso radical** da tradução, ao passo que um **fracasso parcial** da tradução daria conta da estrutura da neurose. Pode então haver aí um

19 LAPLANCHE, J. Trois acceptions du mot « inconscient » dans le cadre de la théorie de la séduction généralisée », *Sexual. La sexualité élargie au sens freudien*, Quadrige, PUF, 2007, p.195-213.

radicalmente intraduzível, radicalmente ou em latência, na mensagem do outro: assim se abriria um questionamento sobre a parte transmitida de não-vida, de melancolia ou de morte. E esse não metabolizável e sua implantação, que não diz respeito mais somente à repressão, mas à clivagem e, sem dúvida, ao traumático, permitem talvez articular novamente o desligamento e a destrutividade.

É notável ver Laplanche evocar aqui novamente, a propósito destas **mensagens não traduzidas ou intraduzíveis**, a natureza enigmática das mensagens super-egoicas; isso depois do que ele havia proposto em *Novos fundamentos para a psicanálise* e em *Problemáticas* consagradas à **Angústia moral**²⁰. Eu defendi com frequência, escreveu ele, que “o imperativo categórico” é por natureza intraduzível em outra coisa que não ele-mesmo, impossível de metabolizar: “tu deves porque tu deves”²¹. Ele havia escrito um pouco antes: “[...] que essas mensagens sejam com frequência imutáveis em um indivíduo, categóricas, ou seja, não suscetíveis de serem metabolizadas, isso nos leva a suspeitar uma origem nas mensagens parentais que não sofreram a repressão originária”²².

Estranho é aliás a solicitação regular que Laplanche faz, como talvez em um reencontro, de sua filiação filosófica – por isso a evocação regular de Kant – quando é questão da gênese e da composição pulsional do superego, enquanto que toma uma distância real do Freud, que em *Mal-estar na cultura* faz da instância super-egoica um lugar de expressão e de ligação da pulsão de morte. Também regularmente Laplanche confia àqueles que virão depois dele o cuidado de continuar a reflexão sobre o superego [...]. Podemos sustentar que com o **não metabolizável** da mensagem super-egoica, o desligamento e o inconciliável da pulsão sexual de morte determinam uma das raízes da gênese do superego, fixando aí sua **crudeldade**, a que Freud examina em *O ego e o id?* Notemos aqui a estranha aproximação de duas fórmulas: **a pura cultura de alteridade** da qual Laplanche fala em relação à pulsão sexual de morte não deixa de evocar esta **pura cultura de pulsão de morte**, que, para Freud, reina no superego melancólico [...]. Em todo caso, o superego, por um lado, efeito de um corte, de uma clivagem operados no ego pela pulsão de morte, reúne absolutamente os efeitos de ligação e de desligamento, de fusão e de desfusão pulsional: humanização da culpa/crudeldade do ataque destrutivo do julgamento. Todo o desenvolvimento que lhe dará por Freud aprofundará este conflito psíquico entre forças de ligação e de

20 LAPLANCHE, J. *L'angoisse*. Problématiques I, Paris: PUF, 1981.

21 LAPLANCHE, J. *Trois acceptions du mot « inconscient »*, *Sexual*. La sexualité élargie au sens freudien, op.cit., p.202.

22 LAPLANCHE, J. *Les forces en jeu dans le conflit psychique*. Entre séduction et inspiration: l'homme, op.cit., p.143.

O inconciliável: desligamento e destrutividade

desligamento, abrindo assim a instância a suas origens identificatórias e à parte que ela ocupa no **trabalho de cultura**.

Forças que animam esse conflito desde *Vida e morte em psicanálise*, Jean Laplanche ofereceu então, com sua proposição de um dualismo **pulsão sexual de vida/pulsão sexual de morte** uma visão forte que, retornando à descoberta freudiana da sexualidade infantil, enfatizou a exigência metapsicológica. Esta visão continua nos colocando a trabalhar, mas também a debater com ele. Ou seja, se nossa dívida é grande.

The irreconcilable: unbinding and destructiveness

Abstract: This paper presents a reflection on Jean Laplanche's ideas about the theories of drives: foundation and genesis. The author covers Laplanche's position particularly in the context of *sexual death drive*, which has the sense of an unbinding strength which is demoniacal, untamed and hostile to the self.

Keywords: Psychic conflict. Unbinding. Drive.

ANDRÉ BEETSCHEN
5 place Croix-Pâquet, 69001
Lyon – France
e-mail: andre.beetschen@wanadoo.fr